

Entrevistas

Entrevista com Prof. Dr. Carlos Alberto Faraco

Os estudos bakhtinianos na interface entre filosofia e ciências da linguagem

Filipe Almeida Gomes*

No que diz respeito aos estudos linguísticos no Brasil, poucos nomes se impõem tão notavelmente quanto o de Carlos Alberto Faraco, Professor Titular (aposentado) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E essa afirmação não é um mero afago ao entrevistado desta edição de SCRIPTA. Trata-se de uma evidência que salta aos olhos de qualquer interessado nos estudos linguísticos realizados em terras tupiniquins. Além de obter o título de mestre em Linguística, em 1978, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professor Faraco tornou-se doutor na mesma área, em 1982, pela University of Salford, na Inglaterra, e realizou, entre 1995 e 1996, estágio pós-doutoral na University of California (EUA).

Mais do que isso, porém, professor Faraco destaca-se, por um lado, pelo soberbo nível de conhecimento, verdadeiramente enciclopédico, a respeito de diversas teorias e orientações linguísticas, e, por outro lado, pela habilidade didática que garante a alunos, leitores e demais interlocutores uma considerável possibilidade de compreensão a respeito de assuntos nem sempre tão simples. Essa conciliação entre um elevado (e vasto) conhecimento e a generosidade da clareza didática pode ser atestada por escritos já clássicos como “O tratamento ‘você’

* Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG); Bolsista CAPES.

em português: uma abordagem histórica”,² original de 1996, e “Estudos pré-saussurianos”³, de 2004.

Adicionemos a isso a importância de Carlos Alberto Faraco para os estudos brasileiros em torno da obra dos pensadores russos do tradicionalmente denominado Círculo de Bakhtin. Além de um dos primeiros a se dedicar a tal empreitada,⁴ Faraco situa-se como um maiores responsáveis pela divulgação das obras e de comentários em torno delas. Lembremos, por exemplo, que a obra bakhtiniana **Para uma filosofia do ato**, assim como o ensaio “A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica”, de Volóchinov, aparecem em língua portuguesa, inicialmente, por meio de traduções com fins didáticos efetivadas por Faraco, em parceria com Cristovão Tezza. E mais: a parceria de Faraco com Tezza, e também com Gilberto de Castro, tornou possível a organização de obras como **Diálogos com Bakhtin**,⁵ de 1996, e **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**,⁶ de 2006, além da própria realização – pela primeira vez no Hemisfério Sul – da *International Bakhtin Conference*, em 2003.

Dentre sua imensa lavra de escritos sobre a obra do Círculo de Bakhtin, destacam-se o admirável ensaio “Voloshinov: um coração humboldtiano?”⁷ e o livro **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**.⁸

2 FARACO, Carlos Alberto. O tratamento “você” em português: uma abordagem histórica. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 114-132, 2017

3 FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. (Org.). **Introdução à linguística: volume 3 - fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 27-52.

4 Cf. BRAIT, Beth. A chegada de Voloshinov/Bakhtin ao Brasil na década de 1970. In: Ana Zandwais. (Org.). **História das ideias: diálogos entre linguagem, cultura e história**. Passo Fundo: UPF Editora, 2012, p. 216-243.

5 FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de. (Org.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

6 FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de. (Org.). **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

7 FARACO, Carlos Alberto. Voloshinov: um coração humboldtiano? In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de. (Org.). **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 125-132.

8 FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

Filipe Almeida Gomes: Professor, para iniciarmos nossa conversa, gostaria de recordar que, por ocasião da publicação, em 1996, da obra **Diálogos com Bakhtin**, o sr. afirma em seu texto: “Bakhtin é um barato!” (FARACO, 1996, p. 113)⁹ – algo equivalente a “Bakhtin é top!”, no atual uso do termo por boa parte dos jovens brasileiros. Hoje, quase 25 anos após a publicação da referida obra e decorridos aproximadamente 50 anos¹⁰ de estudos brasileiros relacionados ao filósofo russo, ainda é possível dizer que “Bakhtin é um barato!”?

Carlos Alberto Faraco: Continuo defendendo esse meu já antigo juízo. Bakhtin foi, de fato, um grande filósofo. Dialogou com várias tradições filosóficas e formulou respostas muito inovadoras e heurísticamente poderosas sobre linguagem, estética, literatura e cultura. Infelizmente, as circunstâncias de sua vida impediram que suas ideias circulassem no seu próprio tempo. Elas ficaram dormentes por mais de 30 anos (algumas, como seu primeiro manuscrito conhecido, por 70 anos). Nem tudo do seu arcabouço filosófico foi ainda suficientemente explorado. Pelo que formulou e pelo que ainda está para ser explorado, eu diria que, sim, “Bakhtin é e continua sendo um barato!”.

Filipe Almeida Gomes: O sr. poderia comentar sobre sua primeira experiência com a obra de Bakhtin e Volóchinov, e sobre como ocorreu o progresso de seu interesse por esses pensadores?

⁹ FARACO, Carlos Alberto. O dialogismo como chave para uma antropologia filosófica. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de. (Org.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, 1996, p. 113-126.

¹⁰ Aqui, estamos considerando que, conforme sustenta Schnaiderman (2005), as ideias de Bakhtin e companhia são discutidas publicamente no Brasil desde, pelo menos, 1971. Cf. SCHNAIDERMAN, Boris. Bakhtin 40 graus (Uma experiência brasileira). In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005, p. 13-21.

Carlos Alberto Faraco: Meu primeiro contato ocorreu em meados da década de 1970, quando estava fazendo mestrado na Unicamp. Numa feira de livros, encontrei lá uma tradução argentina do livro de Volóchinov, publicada em 1976. Não tinha o título original (**Marxismo e filosofia da linguagem**), mas um título mais adequado àqueles tempos de chumbo (**El signo ideológico y la filosofía del lenguaje**)¹¹ Sua leitura me abriu vários horizontes seja do ponto de vista epistemológico (o debate sobre os fundamentos das teorias), seja do ponto de vista de uma teoria social da linguagem, seja ainda do ponto de vista empírico com a bela análise do discurso reportado que Volóchinov desenvolve na terceira parte do livro. Aos poucos, já na década de 1980, fui tomando contato também com as obras do próprio Bakhtin. Havia um mundo de questões fascinantes trabalhadas por esse grupo de autores russos – questões filosóficas, antropológicas, estéticas, literárias, todas elas articuladas com uma concepção social e discursiva de linguagem. O conjunto dos textos foi fazendo muito sentido para mim que, embora tivesse tido, na graduação e no mestrado, uma formação estritamente formalista, tinha uma propensão a pensar a linguagem a partir de outros pontos de observação (sem, claro, desmerecer a relevância do formal).

Filipe Almeida Gomes: Em seu livro **Linguagem e Diálogo: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin**, o sr. inicia o primeiro capítulo fazendo referência àquilo que denominou “o mistério da autoria” (FARACO, 2009, p. 11), isto é, a problemática relativa a uma suposta onipaternidade bakhtiniana dos textos disputados. Como sabemos, em diversos

¹¹ VOLOSHINOV, Valentín. *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1976.

países, tal problemática teve implicações práticas em muitas edições de obras como **O Freudismo** (1927), **O método formal nos estudos literários** (1928) e **Marxismo e filosofia da linguagem** (1929). O sr. poderia pontuar, para nossos leitores, quais os argumentos envolvidos nesse “mistério” e qual o atual estado da questão?

Carlos Alberto Faraco: Considero que, no fundo, esta é uma falsa questão. A autoria única foi invenção de um semioticista russo, Viatchesláv V. Ivánov, na década de 1970. Apesar de não apresentar nenhum elemento consistente para sustentar o que asseverava, sua afirmação foi tomada, por muitos, como verdadeira. Daí resultou um imbróglio que consumiu muito tempo de debate em alguns contextos acadêmicos (na França, principalmente), com repercussão no Brasil, onde se chegou a publicar **O Freudismo**, livro escrito por Volóchinov, com autoria atribuída exclusivamente a Bakhtin. Hoje, acho que há um consenso quanto a respeitar as autorias conforme apareceram nas edições originais. É importante que se diga que Bakhtin, o único sobrevivente do grupo até a década de 1970, nunca reivindicou a autoria dos livros de Volóchinov e de Medviédev. Recusou-se, inclusive, a assinar um documento oficial de autoria. Mais que isso, em entrevistas que deu, destacou que o que unia os trabalhos do grupo era a concepção de linguagem. Eram, portanto, parceiros acadêmicos, mas cada qual produziu seus próprios textos. A leitura criteriosa desses textos revela pontos em comum, mas também diferenças substanciais. Se considerarmos a vida trágica destas pessoas, acho que o mínimo que se pode fazer eticamente é reconhecer-lhes a autoria. Por tudo isso, eu diria que o assunto está

encerrado. No entanto, quem quer conhecer um pouco mais das discussões pode aproveitar a análise da questão da autoria feita pela Profa. Sheila Grillo no Prefácio¹² da tradução do livro de Medviédev (**O método formal nos estudos literários**). Penso que fica muito claro ali a inconsistência da atribuição dessa obra (e das outras) a Bakhtin.

Filipe Almeida Gomes: Em março de 2020, em aula inaugural do ano letivo no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, o senhor discorreu sobre Bakhtin, destacando a interface entre filosofia e ciências da linguagem. Naquela ocasião, o sr. abordou algumas aproximações entre o pensamento filosófico-linguístico de Bakhtin e propostas como aquelas de Wilhelm von Humboldt, de Ernst Cassirer, de Antonio Gramsci e do Wittgenstein de **Investigações Filosóficas**. Sabemos que autores como Brian Poole¹³ e Craig Brandist,¹⁴ para citar somente dois, também se dedicaram, mesmo que parcialmente, a esclarecer algumas dessas relações entre Bakhtin e outros pensadores. O sr. poderia, então, esclarecer para nossos leitores em que medida certo conhecimento filosófico e determinado senso histórico tornam-se importantes para o estudioso das linguagens?

12 GRILLO, Sheila Camargo. A obra em contexto: tradução, história e autoria. (Prefácio). In: MEDVIÉDEV, Pável N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012, p. 19-38.

13 Cf. POOLE, Brian. From phenomenology to dialogue: Max Scheler's phenomenological tradition and Mikhail Bakhtin's development from 'Toward a philosophy of the act' to his study of Dostoevsky. In: HIRSCHKOP, Ken; SHEPHERD, David. **Bakhtin and cultural theory**. Revised and expanded second edition. Manchester, UK; New York, USA: Manchester University Press, 2001, p. 109-135.

14 Cf. BRANDIST, Craig. Bakhtin, Cassirer and symbolic forms. **Radical Philosophy**, n. 85, 1997, p. 20-27; e também BRANDIST, Craig. **Repensando o círculo de Bakhtin: novas perspectivas na história intelectual**. Organização e notas de Maria Inês Campos e Rosemary H. Schettini. Tradução de Helenice Gouvea e Rosemary H. Schettini. São Paulo: Contexto, 2012.

Carlos Alberto Faraco: Nunca podemos esquecer que um pensador, qualquer que seja, está inserido numa grande corrente histórica. Em outros termos, o pensamento tem história e se faz na história. Assim, quando estudamos um pensador temos de ter presente que seus temas não são só seus; eles têm uma história e é muito relevante, até para apreciar o poder heurístico das formulações desse pensador específico, conhecer a linha histórica em que o tema se situa. Os grandes temas percorrem os milênios. Ora estão mais em evidência, ora estão meio esquecidos, mas estão sempre aí. Para apreciar adequadamente as teorizações que os retomam, é necessário inquirir precisamente sobre seus fundamentos epistemológicos, questão que nos leva à filosofia. Nesse sentido, costumo defender que, além do estudo centrado em pensadores, se faça também o estudo centrado em temas. Quando tomamos um tema como objeto de estudo, podemos perceber um fato muito interessante: não raramente, pensadores que não conhecem as obras uns dos outros apresentam formulações teóricas que se aproximam. Foi isso que tentei mostrar na fala referida na pergunta. Bakhtin, Gramsci, Cassirer e o Wittgenstein de **Investigações Filosóficas** não conheciam os trabalhos uns dos outros (em alguns casos, como Gramsci escrevendo na prisão e Bakhtin exilado no Cazaquistão, nem tinham condições concretas de se fazer conhecer ou conhecer os outros). No entanto, formularam respostas ao grande tema da significação da linguagem que, de alguma forma, apontam para uma direção semelhante.

Filipe Almeida Gomes: Ainda a respeito dessa relação entre Bakhtin e filosofia, em seu já referido livro **Linguagem e Diálogo: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin**, o sr., ao comentar a questão da refração, fala de um “vocabulário

pouco sociologizado” (FARACO, 2009, p. 55) de Bakhtin (mais precisamente, na obra **Para uma filosofia do ato**). Outros comentaristas da obra bakhtiniana e volochinoviana, tais como Jean-Paul Bronckart (em parceria com Cristian Bota), Craig Brandist e Patrick Sériot, sustentam que esse “vocabulário pouco sociologizado” vai além de **Para uma filosofia do ato** e, na verdade, revela o fato de Bakhtin colocar-se sobre um fundamento epistemológico distinto do materialismo-histórico supostamente evidente nas obras de Volóchinov. O sr. poderia comentar a respeito dessa pretensa distinção epistemológica entre Bakhtin e Volóchinov?

Carlos Alberto Faraco: A questão dos fundamentos epistemológicos de Bakhtin e de seus confrades é bastante complexa. Bakhtin claramente foi sociologizando seu discurso a partir do livro sobre Dostoiévski, mas isso era já perceptível no artigo “O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal”, de 1924. De início, o foco de Bakhtin era, digamos assim, uma filosofia dos valores de clara inspiração neokantiana. À medida que ele avançou na construção de uma estética, de uma filosofia da cultura e de uma filosofia da linguagem, ele passou a combinar a questão inicial dos valores com uma perspectiva sócio-histórica. Essa guinada é particularmente visível nas discussões sobre a linguagem formuladas no texto sobre o discurso romanesco. No entanto, Bakhtin, nitidamente, não fez isso com base no materialismo-histórico. Parece muito limitador pensar que só é possível incluir categorias sócio-históricas num arcabouço teórico e analítico assumindo-se o materialismo-histórico. Por outro lado, afirmar que é evidente em Volóchinov um fundamento epistemológico materialista-histórico é, no

mínimo, polêmico. Os próprios autores citados na pergunta têm interpretações diversas sobre isso (compare-se Bronckart/Bota e Sériot). Vejo, nos textos de Volóchinov, certas aproximações com algumas categorias do materialismo-histórico. Mas daí a se afirmar que seu fundamento epistemológico é o materialismo-histórico me parece um certo exagero. Já argumentei, seguindo nisso o pensador britânico Raymond Williams (cf. seu livro **Marxism and Literature**),¹⁵ que Volóchinov era, no fundo, um humboldtiano (Faraco, 2006). A tese do Williams é que a grande novidade de Volóchinov foi, precisamente, sociologizar a teoria da linguagem de Humboldt (a linguagem como atividade). Por outro lado, quando sabemos que Volóchinov trabalhava numa tradução do livro de Ernest Cassirer – **Filosofia das formas simbólicas** –, podemos intuir suas simpatias pela filosofia neokantiana (não estava, portanto, tão longe de Bakhtin, que sempre se afirmou simpático aos neokantianos). Cassirer era não só um dos principais filósofos neokantianos, como um estudioso de Humboldt. Meras coincidências? Não creio. Em todo caso, acredito que esses fatos cobram de nós reflexões mais cautelosas e criteriosas sobre os fundamentos epistemológicos das elaborações teóricas desse grupo de pensadores. Pesquisar mais e rotular menos.

Filipe Almeida Gomes: Já que falamos sobre outros estudiosos da obra bakhtiniana, como o sr., enquanto uma das grandes autoridades brasileiras no assunto, observa essas, por assim dizer, mais recentes análises dos pensadores russos?

¹⁵ WILLIAMS, Raymond. *Marxism and Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1977.

Carlos Alberto Faraco: Pela minha resposta anterior, acho que fica claro que tenho um pé atrás com algumas dessas análises. As coisas parecem bem mais complexas do que alguns desses autores apontam. Algumas vezes fico com a impressão de que, sob a pressão da necessidade quantitativa de publicar, as pessoas aligeiram seus argumentos. Em todo caso, não se pode descartar as amplas investigações que esses estudiosos fizeram do contexto histórico e de algumas das tradições teóricas com as quais Bakhtin e Volóchinov interagiram. Dão, nesse sentido, um contributo muito importante para uma inserção dos pensadores na sua conjuntura histórico-intelectual e na história do pensamento.

Filipe Almeida Gomes: Sabemos que, em termos de Brasil, nos estudos da abordagem enunciativa da linguagem, ao lado do linguista sírio-francês Émile Benveniste, costuma ter realce os nomes de Bakhtin e Volóchinov. O sr., por exemplo, já escreveu sobre “Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas”.¹⁶ Considerando também que o sr. já escreveu sobre “O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica”,¹⁷ é possível dizermos que, tal como em Benveniste,¹⁸ a abordagem linguística de Bakhtin e Volóchinov evidencia um viés antropológico?

Carlos Alberto Faraco: Sem dúvida. Ambos fundamentam suas teorizações numa perspectiva social, histórica e cultural. Volóchinov retrabalhou a concepção humboldtiana da

16 FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes/FAPESP, 2001, p. 27-38.

17 FARACO, Carlos Alberto. O dialogismo como chave para uma antropologia filosófica. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de. (Org.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996, p. 113-126.

18 Cf. FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

linguagem como atividade, dando-lhe um fundamento social e cultural. Bakhtin, por sua vez, explorou, de início, a questão dos valores e foi, progressivamente, dando a esse olhar axiológico uma dimensão histórica, sociológica e antropológica à medida que o projetava em suas teorizações sobre a estética, a literatura, a linguagem e a cultura. Interessante lembrar aqui também que o livro de Bakhtin sobre o Rabelais é leitura corriqueira (para não dizer obrigatória) entre os antropólogos.

Filipe Almeida Gomes: Em discurso proferido no 5º Congresso da ABRALIC e recentemente disponibilizado pela revista **Literatura e Sociedade**, Boris Schnaiderman recordou que “em vários escritos de Bakhtin, mas sobretudo em ‘A palavra no romance’ (...), aparece a afirmação de que o dialogismo funciona plenamente no romance, mas não no teatro nem na poesia.” (SCHNAIDERMAN, 2018, p. 167).¹⁹ Porém, como o próprio professor Schnaiderman (2018) recupera, o texto “A concepção bakhtiniana sobre poesia lírica”, escrito por Vadim Kojinov – um crítico literário muito próximo a Bakhtin nos últimos anos de vida deste –, apresenta algumas anotações bakhtinianas inéditas. Ali, como pontua Schnaiderman, “depois de considerar a ‘soberania’ do autor como lei imutável da poesia lírica, Bakhtin escreve: ‘(...) A autoridade do autor e autoridade do coro. A obsessão lírica e essencialmente uma obsessão coral. (...). Eu me ouço no outro, com outros e para outros. (...) O coro possível - eis uma posição firme e de autoridade.’” (SCHNAIDERMAN, 2018, p. 168).²⁰ Diante disso, perguntamos:

¹⁹ SCHNAIDERMAN, Boris. Bakhtin e literatura brasileira: abordando a obra de Murilo Mendes. *Literatura e sociedade*, n. 26 (edição especial), p. 167-172, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/l/article/view/148524/142161>>. Acesso em: 09 mar 2020.

²⁰ De acordo com Schnaiderman, as reticências postas entre parênteses são originais do texto russo e podem referir-se tanto a falhas no manuscrito quanto a cortes elaboradas por Kojinov.

o que se pode concluir do pensamento de Bakhtin a respeito do funcionamento do dialogismo para a poesia? O filósofo teria mudado de opinião com o tempo, passando a atribuir à poesia funcionamento semelhante ao que faz no romance? E para o teatro? Há algum estudo que demonstre alguma modificação no pensamento de Bakhtin a respeito dessa questão?

Carlos Alberto Faraco: Não sou especialista em estudos literários. Por isso, me aproximo cautelosamente do tema da pergunta. Mas acredito que houve uma leitura limitadora das discussões que Bakhtin faz, na sua teoria do romance, sobre o discurso romanesco e o discurso poético. E essa leitura limitadora decorreu, talvez, pela utilização por Bakhtin da expressão ‘estabilidade monológica’ aplicada ao discurso poético. Parece que se caiu, nessa leitura, na armadilha da “ilusão do significante” (se o discurso poético é “monológico”, então o dialogismo não funciona na poesia...). Ou, talvez, a leitura limitadora resultou de se fazer uma abordagem dicotômica (prosa/poesia) de um raciocínio não dicotômico (Bakhtin fala em ‘híbridos genéricos’, por exemplo, não devidamente levados em conta pelas leituras dicotômicas). Acredito que a melhor análise feita entre nós sobre essa complexa questão é ainda a que consta da tese de doutorado do romancista Cristovão Tezza, publicada pela Editora Rocco, em 2003, com o título **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**²¹ (disponível hoje como *eBook* Kindle). Não há como resumí-la aqui. *Grosso modo*, eu arriscaria dizer, correndo o risco de simplificar o que é complexo, que o discurso poético não apaga

²¹ TEZZA, Cristovão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

o caráter inerentemente dialógico da linguagem. Nem isso é possível, se se assume o caráter dialógico de toda e qualquer enunciação, como faz Bakhtin. Mas, diferentemente do discurso romanesco, que é a representação estética da heteroglossia, o discurso poético é a representação estética de “uma *atitude isolante* diante do plurilinguismo... O poeta, como tal, se afasta de todas as outras vozes, esvaziando-lhes a autonomia, a força, a presença concreta, para afirmar total e plenamente a própria voz” (cf. TEZZA, 2003, p. 277). Digamos assim: no discurso poético está o eu entre muitos (a ideia do coro), mas fazendo soar apenas sua voz (cantando solo). Não me parece sustentável pensar que Bakhtin mudou sua teorização a esse respeito. Quando fazemos uma leitura não dicotômica e levamos em conta os gêneros híbridos, a poesia prosificada (lembrando que os discursos não são imóveis, mas têm história), acredito que se pode apreender melhor a teoria de Bakhtin.

Filipe Almeida Gomes: Professor, gostaríamos de encerrar essa breve conversa tocando na questão do pensamento ético de Bakhtin. Nos últimos anos, com a quase universalização do acesso à internet e a ascensão das redes (ditas) sociais, a democracia representativa tem apresentado, de forma exponencial, algumas de suas – para dizermos o mínimo – mais polêmicas consequências (*e.g.*, as *fake news*). Nesse quadro, qual, sob o seu ponto de vista, o lugar e a relevância de categorias filosóficas como a polifonia e a carnavalização?

Carlos Alberto Faraco: Em 1999, o Professor Ken Hirschkop, à época trabalhando na Universidade de Manchester (Inglaterra), publicou um livro chamado **Mikhail Bakhtin: an**

aesthetic for democracy.²² Nele, o autor fazia uma reflexão sobre os problemas enfrentados, às portas do século 21, pela democracia europeia e, de certa forma, antecipava os problemas que a democracia está enfrentando hoje em várias partes do mundo. E Hirschkop trazia Bakhtin para alimentar essa sua reflexão. Dizia que isso poderia parecer paradoxal, considerando que, diretamente, Bakhtin nunca tratou de questões políticas. Hirschkop, porém, defendeu a tese de que a filosofia bakhtiniana nos dá uma grande lição: a de que uma política democrática necessita de uma cultura democrática. Em outras palavras, a democracia não está garantida apenas pelo formalismo legal e institucional. Ela pressupõe um amplo conjunto de disposições, valores, atitudes democráticas. Em síntese, ela pressupõe uma ampla cultura democrática. Hirschkop afirmava, então, que, nas nossas interpretações de Bakhtin, a metáfora do diálogo deve ceder lugar ao dialogismo, entendendo-se este não como mero diálogo interpessoal, mas como uma resposta ao problema histórico da cultura democrática, da cultura que incorpora o heterogêneo e conclama à dialogização das diferenças. Dessa forma, podemos considerar com Hirschkop que as condições de possibilidade de uma política democrática não estão dadas, em Bakhtin, propriamente nos conceitos que usa, mas nas imagens do dialogismo que nos oferece. E o conjunto dessas imagens soma vários vetores: a heteroglossia (ou seja, o universo dos muitos discursos sociais), com a polifonia (a equipolência dos discursos sociais), com a praça pública (a sociedade entendida como uma arena de valores em contínua tensão, o espaço em que se dá a heteroglossia dialogizada – a prática da dialogização das diferenças), com o senso

²² HIRSCHKOP, Ken. *Mikhail Bakhtin: an aesthetic for democracy*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

carnavalesco (o senso de que o mundo não é dado e pode ser mudado para melhor) e, ainda, com a consciência galileana (a consciência que reconhece a heteroglossia como fato e valor; e se reconhece nela). Estão aí dados os fundamentos de uma cultura democrática: a diversidade, o reconhecimento do outro como igual, a multiplicidade de interesses e valores de cujos embates se faz o devir histórico não com soluções definitivas, mas com soluções possíveis dialogicamente construídas e, portanto, num contínuo vir a ser. Diante do que temos vivido, penso que o nosso desafio é continuarmos a proclamar nossa fé na cultura democrática e continuarmos a investir esforços na sua disseminação, na construção de uma consciência social majoritariamente democrática capaz de fazer frente à prática das *fake news*, da mal chamada pós-verdade, da violência política física ou simbólica. Em outras palavras, investir esforços na difusão do que Ken Hirschkop divisou em Bakhtin – uma cultura romanesca (daí o subtítulo de seu livro – “uma estética para a democracia”). Na sua teoria do romance, Bakhtin o define como o gênero que representa esteticamente a heteroglossia, ou seja, a multiplicidade dos discursos que circulam socialmente, dos complexos verboaxiológicos que constituem o grande simpósio social. Trata-se de uma multiplicidade que, segundo Hirschkop (1999, p. 90), não representa uma trágica Babel, mas a única forma que a história humana pode tomar, enquanto permanece humana. Mais que isso, o romance é a representação da heteroglossia dialogizada, dos inúmeros encontros dialógicos dos complexos verboaxiológicos sociais. Nesse sentido, o romance é a própria metáfora da vida democrática, do espaço político da praça pública, do reconhecimento do outro, do encontro dialógico do heterogêneo, do tornar dialogizadas as

diferenças em busca de consensos historicamente possíveis. Essa metáfora da vida democrática pressupõe, no entanto, o desenvolvimento de uma consciência social romanesca (ou, para usar outro termo metafórico de Bakhtin, uma consciência galileana), ou seja, uma consciência capaz de reconhecer a heteroglossia como fato e valor e de se reconhecer nela. Em outras palavras, pressupõe uma cultura democrática como fundamento de uma política democrática.